

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES – ICHCA
CURSO DE HISTÓRIA

IONE CASSIANO DOS SANTOS

**MORALIDADE E CONSERVADORISMO NOS FOLHETOS DE RODOLFO COELHO
CAVALCANTE
(1960- 1970)**

MACEIÓ
2021

IONE CASSIANO DOS SANTOS

**MORALIDADE E CONSERVADORISMO NOS FOLHETOS DE
RODOLFO COELHO CAVALCANTE
(1960- 1970)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em História.

Orientação do Prof. Dr. Anderson da Silva Almeida

MACEIÓ
2021

**Catálogo na fonte Universidade
Federal de Alagoas Biblioteca
Central
Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

- S237m Santos, Ione Cassiano dos.
Moralidade e conservadorismo nos folhetos de Rodolfo Coelho Cavalcante (1960-1970) / Ione Cassiano dos Santos. – 2021.
41 f. : il.
- Orientador: Anderson da Silva Almeida.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História : bacharelado)
– Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,
Comunicação e Artes. Maceió, 2021.
- Bibliografia: f. 39-41.
1. Coelho Cavalcante, Rodolfo, 1919-1986. 2. Literatura de cordel brasileira. 3. Moralismo. 4. Conservadorismo (Política). I. Título.

CDU: 398.51

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e por me conceder a força necessária que me fez caminhar até aqui. Aos meus pais Davino *in memoriam* e Regina por me criarem, investirem na minha educação e me prepararem para a vida. Agradeço principalmente a minha mãe que me alfabetizou em casa.

Aos professores do curso de História que me transmitiram conhecimento e me incentivaram na busca pelo saber histórico, destaco aqui Irinéia Franco, Michele Reis e José Roberto Silva Gomes. Em especial agradeço ao meu orientador, professor Dr. Anderson Almeida que me acolheu, instigou e ajudou e com sensibilidade me conduziu nessa reta final da graduação.

As amigas Rafhaelly e Daniele Mayara que muito me ajudaram dando força e incentivo que para mim serviu de combustível nessa trajetória final. Foram companheiras e não soltaram a minha mão mesmo estando distantes.

A minha irmã Ivone e sua companheira Andréa que me motivaram e me presentearam com o livro que muito contribuiu para meu trabalho.

As amigas Márcia e Sandra pela motivação nos momentos em que mais precisei. E a Editelma Carnaúba que além do apoio moral me ajudou com suas habilidades tecnológicas na materialização deste trabalho.

Ao meu amigo e irmão Jairan Basílio que soube o momento certo de me ajudar com suas palavras amigas e consoladoras. A minha sobrinha Denise que ao longo do curso me auxiliou nas digitações dos trabalhos acadêmicos.

A minha família e amigos que direta ou indiretamente me ajudaram ao longo dessa jornada acadêmica.

O meu muito obrigada!

RESUMO

O trabalho analisa a relevância dos cordéis do poeta alagoano de Rio Largo, Rodolfo Coelho Cavalcante, escritos no contexto da Ditadura Civil-Militar, especialmente os que dizem respeito ao caráter conservador e moralista de seu autor. Destaca-se, entre outros personagens, a figura de Roberto Carlos como um protagonista dos folhetos que abordam os “cabeludos”, relativizando, assim, a imagem de “Rei” que seria construída posteriormente. No primeiro momento, aborda-se a origem da chamada Literatura de Folhetos e de como ao chegar no Brasil os folhetos foram ressignificados pela realidade dos Sertões e das cidades no Nordeste brasileiro. Ressalta-se, nessa pesquisa, a importância da chamada Literatura de Cordel para a pesquisa historiográfica uma vez que a História também pode ser construída e analisada tendo as obras e autores de cordel como fonte e objeto.

Palavras- chave: Rodolfo Coelho Cavalcante; Cordel; Moralismo; Conservadorismo.

ABSTRACT

The work analyzes the relevance of the strings of the poet Rodolfo Coelho Cavalcante from Alagoas from Rio Largo, written in the context of the Civil-Military Dictatorship, especially those related to the conservative and moralistic character of their author. Among other characters, the figure of Roberto Carlos stands out as a protagonist of the pamphlets that address the “hairy ones”, thus relativizing the image of the “King” that would be constructed later. At first, the origin of the so-called Literature of Leaflets is approached and how, upon arriving in Brazil, leaflets were reinterpreted by the reality of the Sertões and cities in Northeastern Brazil. In this research, the importance of the so-called Chapbooks Literature for historiographical research is highlighted, since History can also be constructed and analyzed having Chapbooks works and authors as source and object.

Keywords: Rodolfo Coelho Cavalcante; Chapbooks; Moralism; Conservatism

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1. CAPÍTULO I	
A LITERATURA DE FOLHETOS: Apontamentos Históricos.....	10
1.1 O Cordel no Brasil.....	11
1.2 O Cordel como fonte histórica.....	14
2. CAPÍTULO II	
RODOLFO COELHO CAVALCANTE E A DÉCADA DE 1960.....	18
2.1 A Ditadura Civil Militar.....	22
2.2 Jovem Guarda.....	23
2.3 Roberto Carlos: o rei?.....	24
3. CAPÍTULO III	
CORDÉIS MORALISTAS DE RODOLFO COELHO CAVALCANTE.....	26
3.1 Dois folhetos sobre “Devassidão”	26
3.2 Horrores do Fim do Mundo.....	29
3.3 A implicância com os Cabeludos.....	31
3.4 A Carta de Jesus Cristo.....	33
4. CONCLUSÃO.....	37
5. REFERÊNCIAS.....	39

INTRODUÇÃO

Segundo Michel de Certeau “[...] o gesto que liga às “ideias” aos lugares é, precisamente, um gesto de historiador” (CERTEAU, 1982, p. 65). De fato, a inspiração para escrever sobre cordel, Ditadura Militar e Jovem Guarda me transportou para 1975 em Maceió quando ainda criança ouvia minha mãe ler “A intriga do cachorro com o gato” (PACHECO, 1973), “Discussão dum fiscal com a fateira” (CAMPINA, s. d) e “Proezas de João Grilo” (ATAYDE, 1960). Para mim eram livrinhos de histórias engraçadas, não sabia que estava sendo apresentada ao que hoje conhecemos como Literatura de cordel. Sem saber ler, ouvia atentamente cada verso achando tudo muito engraçado.

Também me levou de volta a Maceió de 1976 quando ingressei pela primeira vez na escola aos oito anos de idade, Grupo Escolar Tomaz Espíndola que, na época, era localizado no bairro da Levada. Lá cantávamos o Hino Nacional Brasileiro todos os dias antes de entrarmos na sala de aula e o Hino da Independência com fitinhas verde e amarela no peito na Semana da Pátria, no mês de setembro, sem entender que eram práticas nacionalistas imposta pelo Governo Militar, não entendia o sentido daqueles atos e do peso que seria a Ditadura Civil-Militar para o Brasil. Eu vivi no tempo da Ditadura, mas não vivi a Ditadura.

Hoje a História me permite ter noção do que realmente foi o período após o Golpe de 1964 até 1985 quando o Brasil se encontrava sob Ditadura. Permite também saber mais sobre as histórias dos folhetos e que além de engraçadas, as histórias podem ser informativas e conter fragmentos da história do Brasil. Nesta perspectiva é que este trabalho pretende discorrer sobre o poeta Rodolfo Coelho Cavalcante destacando seus cordéis sobre costumes, Jovem Guarda e Roberto Carlos, uma vez que a pesquisa está ambientada no recorte temporal 1960-1970.

O trabalho também abordará a moralidade e o conservadorismo tão característicos no período estudado e que estão presentes nos cordéis analisados. Também ressaltará a importância de se utilizar da literatura de cordel como fonte para pesquisas historiográficas destacando como linguagem simples dos folhetos pode contribuir para a escrita da História. “A operação historiográfica se refere a combinação de um lugar social, de práticas “científicas” e de uma escrita” (CERTEAU, 1982, p.65).

A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, através de artigos científicos, livros e sites e a análise de cordéis. No primeiro capítulo faço uma breve análise histórica sobre a origem do cordel no Brasil como se desenvolveu na região Nordeste adquirindo uma identidade própria e naturalmente foi se incorporando à cultura local. Foi utilizado como autores principais: Raquel de Fátima Parmegiani, Cinthia Roberta Santos, Aderaldo Luciano e Maria Ângela de Faria Grillo e ainda Ruth Brito Lêmos Terra e Anderson Almeida. Finalizo o capítulo enfatizando a importância do cordel como fonte para a pesquisa histórica.

No segundo capítulo será destacado o poeta Rodolfo Coelho Cavalcante relatando um pouco sobre sua biografia, seu trabalho e sua contribuição voltada para a categoria dos trovadores. Utilizarei como fonte o autor Eno Teodoro Wanke, que escreveu uma biografia sobre Rodolfo C. Cavalcante. Ainda no segundo capítulo, abordarei brevemente sobre a Ditadura Civil-Miliar e o movimento Jovem Guarda, dando ênfase para o ídolo Roberto Carlos. Vou utilizar Marcos Napolitano e Daniel Aarão Reis para o contexto da Ditadura, Eleonora Zicari e Marcelo Garson para falar sobre Jovem Guarda. Sobre Roberto Carlos, as referências são Paulo César de Araújo e Acauam Oliveira. Por fim, será analisado no terceiro capítulo os cordéis de Rodolfo Coelho Cavalcante sobre a Jovem Guarda de 1960-1970 destacando o conservadorismo e os aspectos morais presentes nos versos do autor alagoano.

CAPÍTULO I

A LITERATURA DE FOLHETOS

Apontamentos Históricos

É inegável que os folhetos de cordéis contribuem muito para a historiografia, sua narrativa popular traz informações de fatos e conhecimentos que só enriquecem a nossa história. Debruçar-se sobre folhetos de cordel além de diversão é também ter informações preciosas de uma época registrada pelos poetas através dos versos. Mas onde e quando ela surge?

A chamada Literatura de Cordel, muito popular no Brasil principalmente na região Nordeste, tem sua origem na Europa entre os séculos XVII e XIX, onde era conhecida como folhas volantes. Eram escritos diferentes gêneros literários, como: peças de teatro, contos, romances e versos, tendo também traduções de obras de autores como Molière e Corneille, característica da literatura de folhetos em Portugal, que teve Gil Vicente como um nome a se destacar, pois publicou algumas de suas peças nesse formato (PARMEGIANI; SANTOS, 2014, p. 17-18).

E apesar de ter se consolidado através dos folhetos o início foi através da oralidade, como assim explica Maria Ângela de Faria Grillo:

Ao lado de uma poesia culta e erudita, veio para o Brasil em grande escala a literatura popular da Península Ibérica. Em geral transmitida oralmente em forma de canções, romances e contos, mas também através de livros populares e folhetos (GRILLO, 2015, p. 91).

O termo Cordel tem a ver com a maneira como essa literatura foi exposta para a divulgação e a comercialização direcionada a maioria da população. No Brasil da segunda metade do século XX essa metamorfose na forma de expor o material irá criar essa ideia de conceito impreciso: Cordel. De acordo com Parmegiani e Santos, estes folhetos eram pendurados em cordas para serem apreciados e ou comprados (PARMEGIANI; SANTOS, 2014, p.18-19). Essa forma de comercializar os folhetos pendurados em barbantes ou cordas, era sempre as vistas em lugares públicos, visava também o alcance de grande público.

O público de leitores e compradores era formado não só por classes populares como também por classes dominantes, de população tanto rural como urbana. Trata-se de um fenômeno de leitura que se modifica no tempo e no espaço regional, e que flutua pelas classes

sociais, de acordo com as características de cada texto. (GRILLO, 2015, p. 38)

Com a chegada dos meios de impressão as histórias contadas pelos trovadores vão para os livretos que tinham um custo financeiro baixo e leitura mais rápida com o intuito de uma breve compreensão pelo leitor e ou ouvinte se propagando principalmente entre as pessoas mais simples. “Mas é preciso considerar o perfil social do autor de folhetos, que revela, quase sempre, um homem de pouca instrução, mas com grande talento para contar histórias, dirigidas, em princípio, a comunidade da qual ele se origina” (GRILLO, 2015, p. 22).

A herança trazida pelos colonizadores portugueses foi a base para o surgimento da literatura de Cordel. De linguagem simples e direta, porém sempre envolvida com os acontecimentos, social, econômico, religioso e cultural, retratando em versos o cotidiano do povo e para o povo sendo informação e diversão para uma grande parcela da população brasileira.

Esta literatura chega ao Brasil juntamente com a colonização portuguesa, mas se transforma rapidamente, passando a estabelecer uma existência autônoma. As primeiras histórias de reis, rainhas e heróis, dão lugar à criação de novas imagens, de novas histórias, novas narrativas. Com efeito, os contos europeus adquirem novos matizes ao chegar ao Brasil, misturando-se com outros contos de origem africana e indígena. (GRILLO, 2015, p. 41)

1.1 O Cordel no Brasil

Apesar de ter surgido na Europa a Literatura de folhetos ambientou-se muito bem aqui no Brasil, principalmente na região Nordeste, como já explicado, onde adquiriu características próprias e se firmou como literatura popular. O ponto de partida dar-se com Leandro Gomes de Barros “[...] Nos idos de 1893, quando o poeta [...] passa a publicar seus poemas em folhetos inicia-se a literatura popular impressa no Nordeste” (TERRA, 1993, p.17). E logo tem continuidade com outros poetas que vão surgindo.

Francisco Chagas Batista, que começa a publicar em 1902, e João Martins de Athayde em 1908. É possível que anteriormente algum cantador ou poeta popular tenha impresso poemas, mas Leandro foi sem dúvida o primeiro a produzir regularmente folhetos, possibilitando

assim esta literatura em toda sua especificidade. Toma forma um conjunto de textos em permanente reedição. Tem início um processo peculiar de produção e comercialização e constitui-se um público para esta literatura (TERRA, 1983, p.17).

Leandro Gomes de Barros, o pioneiro. Nascido no município de Pombal na Paraíba, na fazenda Melancia em 1865, passou alguns anos de sua vida sendo criado pelo seu tio o padre Vicente Xavier de Farias. Aos 15 anos mudou-se para Vitória de Santo Antão no Estado de Pernambuco onde começou a publicar os seus folhetos, onde também casou-se com Venustiniana Eulália de Souza e, com ela, teve quatro filhos. Mapeando a publicação de seus cordéis, constata-se que Leandro começou a escrever seus poemas a partir de 1889, mas a impressão foi a partir de 1893. Mudou-se para Jaboatão em 1906 e em 1908 para Recife (TERRA, 1983, p. 40).

O cordel chega ao Brasil com suas raízes europeias, mas é na região nordeste que ele cresce e toma as características brasileiras, mais precisamente nordestina, absorve e é absorvido pela linguagem direta, simples e popular, evidenciando em seus versos a cultura e o cotidiano local que os autores na sua maioria vivenciaram. Aderaldo Luciano afirma que essa forma de poesia é a única que deve passar a ser reconhecida como originalmente brasileira.

O cordel como tal só existe no Brasil e é, possivelmente, a única forma original de poesia brasileira, sem reservar qualquer semelhança com o que se chamou de literatura de cordel na Península Ibérica, no resto da Europa ou em países da América Latina (LUCIANO, 2012, p. 28).

Retratar a sua realidade é uma característica dos artistas e escritores não sendo diferente com os poetas da literatura de cordel que em sintonia com os acontecimentos que os rodeiam os descrevem em seus versos dando seu toque de leveza ou de diversão para a situação contada em versos. Neste sentido, as transformações sociais e as relações de trabalho que ocorriam naquela época no Nordeste brasileiro, modificando os costumes dominantes que existiam entre classes sociais, foi solo fértil para que a produção dos folhetos de cordel crescesse, enfatizando a realidade através do olhar atento dos homens simples e pobres que eram os poetas (TERRA, 1983, p. 15).

Apesar do cordel no Brasil ter como base o campo, o sertão e o talento do homem simples como os poetas, não exclui de forma alguma a contribuição e participação do núcleo urbano. “O encontro do rural e do urbano deu origem ao cordel” (LUCIANO, 2012, p. 6). De fato, isto leva ao entendimento do cordel como integração destes dois mundos rural e urbano uma vez que sendo também uma forma de informação e diversão era lido e ouvido por todos aqueles que estivessem ao alcance, desde trabalhador ou patrão.

Sabe-se que os folhetos eram difundidos no campo, nos engenhos e nas fazendas de gado do sertão. Na região dos engenhos de maior estratificação social, seriam lidos por trabalhadores assalariados e moradores. No sertão, o público dos folhetos seria constituído também por fazendeiros. Em ambas as regiões provavelmente eram difundidas entre os pequenos proprietários. Os folhetos contariam com maior audiência no campo onde seria uma das poucas formas de lazer e fonte de informação (TERRA, 1993, p. 36).

O Brasil recebeu dos colonizadores portugueses mais essa contribuição para a sua formação cultural, mas, como já explicitamos, foi no Nordeste do país que ele foi ressignificado e incorporado com mais destaque ao convívio local. De acordo com Ângela Grillo,

O Nordeste do Brasil pode ser considerado um local privilegiado em se tratando de cantadores, poetas de cordel, contadores de histórias, todos reconhecidos como grandes narradores que estabeleceram fortes vínculos com a experiência de narrar construindo um rico fabulário de contos, poemas, histórias de vida comum de todos, em todos os dias, histórias de heróis e histórias de trabalho (GRILLO, 2015, p. 45).

Ainda sobre o cordel em terras brasileiras cabe ressaltar o que dizem as autoras Parmegiani e Santos:

Outro ponto que distingue os folhetos publicados dos dois lados do atlântico, diz respeito às condições sociais e culturais dos autores e seu público. Esses eram geralmente de origem rural e viviam de escrever esses folhetos. Autodidata em sua grande maioria, muitos destes escritores se alfabetizaram por meio do contato com o próprio cordel (PARMEGIANI; SANTOS, 2014, p.25).

O contexto histórico pelo qual passava o Nordeste no momento servia de inspiração aos poetas que, atentos às mudanças de realidade em que viviam, transformaram em versos suas alegrias e tristezas.

Num período onde se dar o avitalamento das condições de vida das camadas populares e onde com a introdução do trabalho assalariado ocorre a quebra de costumes e valores que tinham por base relações tradicionais de dominação fundadas numa rede de contraprestações de serviços e favores, tem lugar a literatura de folhetos do nordeste, escrita por homens pobres, atentos aquela realidade, que repercutirá na temática dos folhetos então produzidos (TERRA, 1983, p. 17).

Em razão disso, compreende-se quão importante foi o encontro dos versos dos trovadores europeus com os homens simples no nordeste do Brasil. “Este tipo de literatura ocupa um espaço de criação que deve ser percebido em vários níveis: o simbólico, o artístico, o linguístico, o social, o político, o econômico e especialmente o histórico” (GRILLO, 2015, p. 42).

1.2 O Cordel como fonte histórica

Anderson Almeida, ao pesquisar como o uso dos folhetos aparece no campo historiográfico brasileiro identificou três variações. No primeiro momento, o daqueles classificados como factuais, “históricos ou jornalísticos”, sobre os quais constatou que, em relação aos aspectos do conteúdo poético/textual, o cordel aparece identificado como sinônimo de história – ou seja, o que tem ali é conteúdo verossímil, crível, relato confiável e não fantasioso sobre o acontecido. Uma descrição/narração fiel do que ocorreu pois foi escrito quase que simultaneamente ao relatado (ALMEIDA, 2020, p. 03).

Outra constatação do autor, é que o próprio folheto como gênero literário tem uma história. Nesse caso, estaríamos diante da história do cordel português ou da história dos folhetos na Europa, ou ainda, uma história do Cordel brasileiro (Luciano, 2012), com características e identidade próprias. Por fim, a abordagem que diz respeito à viabilidade de analisarmos essa produção como fontes, vestígios, indícios que trazem a possibilidade de interpretação de acontecimentos, processos e conjunturas dentro dos procedimentos teórico-metodológicos que caracterizam a História como uma área autônoma, mas não isolada, de produção de conhecimento

(ALMEIDA, 2020, p. 04). Nesse caminho, o autor destaca que as questões que todo pesquisador deve levantar ao investigar os vestígios do passado e pretender alçá-los à categoria de “documento”, são as mesmas que deverá fazer aos folhetos: quem produziu? Quando? Por que? Como? Local? Características da produção, acesso, arquivamento? Tipos de suporte? - acrescidas das exigências que dizem respeito aos impressos (jornais, revistas, livros...) que provocam o pesquisador a perguntar-se sobre tiragem, editores, número de edições e público-alvo, por exemplo.

Ainda segundo o mesmo autor, existe um debate terminológico sobre a melhor expressão a ser utilizada nos estudos dos livretos no Brasil. De acordo com Martha Abreu (1999, 17), “[...] Apesar de, atualmente, utilizamos o termo ‘literatura de cordel’ para designar as duas produções [Portugal e Brasil], os autores e consumidores nordestinos nem sempre reconhecem tal nomenclatura. Desde o início dessa produção referiam-se a ela como ‘literatura de folhetos’ ou, simplesmente, folhetos”. Ruth Brito Lêmos Terra (1983), pesquisadora do campo da literatura que se dedicou, nos anos 1970, ao estudo sistemático desses livretos, trabalha com os termos “literatura de folhetos” e “poemas” referindo-se aos seus autores como “poetas populares” e não cordelistas (ALMEIDA, 2020, p. 03, nota 2).

Na perspectiva de Márcia Abreu, “os críticos sentem a necessidade de elencar os temas tratados nos folhetos que comporiam a literatura de cordel [...], mas as finalidades são tantas, a lista torna-se tão extensa que termina por perder a finalidade”. Mais adiante, destaca, ao analisar as raízes portuguesas “o que importa é reter a completa falta de unidade no interior da produção dita ‘de cordel’, sob qualquer aspecto considerado – exceção feita à materialidade dos livretos” (ABREU, 1999, p. 21; 46). Aderaldo Luciano (2012, p. 84-85) insere o Cordel brasileiro nos gêneros literários, como forma poética fixa e complexa que requer subdivisões classificatórias, propondo a classificação em *narrativo*, *dramático* e *lírico*, afirmando com propriedade que “as classificações temáticas ou em ciclos não contemplam a autoria em cordel, agrupando temas e segregando autores, sob a marca do folclórico”.

A importância da Literatura de cordel para a pesquisa histórica tem a ver com o fato de o poeta escrever sobre seu tempo, ele discorre sobre diferentes fatos e acontecimentos do cotidiano como política, as tragédias, religiosidade, diversão entre tantos outros. O historiador se debruça sobre esses escritos em busca do contexto histórico em que esses versos foram ambientados. Esta relação cordel-história nos

permite mergulhar através dos versos do cordelista, e ter um olhar minucioso sobre o passado.

Desde que surgiu no nordeste do Brasil, independente do sistema literário institucionalizado, em meados do século XIX, vem testemunhando fatos da história do Brasil, o que nos revela a preocupação dos poetas e ouvintes com o mundo ao seu redor” (GRILLO, 2105, p.42).

Mesmo sendo os poetas homens de baixa escolaridade - mas de muita leitura -, tinham sua maneira de enxergar o mundo, pode-se também dizer que escreviam e até hoje, escrevem a história à sua maneira. Homens simples, mas que tinham uma relação direta com o povo e conviviam com as classes menos favorecidas, no entanto também transitavam entre outras camadas da sociedade. “É certo que a literatura se apodera do passado, como também das relações econômicas, sociais e culturais de uma sociedade” (PARMEGIANI; SANTOS, 2014, p. 32).

A Literatura de folhetos é também um registro histórico contendo representações de uma época e em razão disso faz-se necessário que pesquisadores se utilizem deste conteúdo para investigações, análises e comparações como contribuição para a sociedade sendo que também está escrevendo sobre o tempo a partir de diversas perspectivas, intercalando passado e presente.

Assim a literatura nos abre caminhos para uma investigação histórica preocupada em não esquecer ou ocultar os conflitos dialéticos. A capacidade crítica da História não se limita a negação das falsificações ou das posturas, ela pode e deve submeter as construções interpretativas de objetivos de avaliação. A História não é ficção, mas pode servir-se dela para a construção de um discurso que seja capaz de analisar de forma crítica, os processos que estão inseridos dentro das narrativas de superfícies planas, que escondem ou subordinam as contradições sociais e culturais (PARMEGIANI; SANTOS, 2014, p.33).

O papel do historiador não se limita apenas a buscar informações, vai mais além, é necessário investigar, perguntar e até desconfiar da fonte sem jamais descartar. Cada folheto de cordel traz uma ou mais histórias e ao historiador cabe analisar muito mais histórias, memórias e versões porque a fonte é inesgotável, diferentes pontos de vista para uma mesma fonte, depende apenas de como vai ser tratada de qual ponto de vista: o econômico? O político? Social? “Toda pesquisa historiográfica se articula com um lugar de produção sócio- econômico, político e

cultural” (CERTEAU, 1982, p. 66). Com o trabalho do historiador é possível preencher lacunas que se abriram ao longo dos processos sociais e abrir outras para o futuro.

O poeta cordelista a ser estudado neste trabalho, Rodolfo Coelho Cavalcante, viveu com intensidade e comprometimento com a classe dos cordelistas. Sua inspiração vinha do dia a dia, pois, como todos os poetas de cordel ele era observador da vida e do viver. Sua contribuição à literatura de cordel e a classe dos poetas cordelistas foi relevante, assim como sua obra é importante para os admiradores da arte, os apaixonados por literatura e os Historiadores.

Assim, o folheto de cordel se transforma em uma rica fonte de pesquisa para a História, para a sociedade, para a antropologia e para a literatura. A literatura de cordel, que através de sua narrativa conta os acontecimentos de um dado período e de um dado lugar, transforma-se em memória, documento e registro da história brasileira. Tais acontecimentos recordados e reportados pelo cordelista, que além de autor se coloca como conselheiro do povo e historiador popular dão origem a uma crônica de sua época (GRILLO, 2015, p.83).

Como vimos na citação acima, é recorrente falar de como a literatura de cordel é sim fonte de fundamental importância para a pesquisa histórica e também para outras áreas do conhecimento por conter registrados em seus versos fragmentos da história do Brasil.

CAPÍTULO II

RODOLFO COELHO CAVALCANTE E A DÉCADA DE 1960

Figura 1. Capa de Cordel em homenagem a Rodolfo Coelho Cavalcante



SILVA, Expedito. **O Adeus de Rodolfo Coelho Cavalcante à Cultura Popular Brasileira**, 1987.¹

Rodolfo Coelho Cavalcante, alagoano de Rio Largo, nasceu a 12 de março de 1919, filho de operários da fábrica de tecidos Cachoeira, Arthur de Holanda Cavalcante e Maria Coelho Cavalcante, conhecida como Mariazinha. Rodolfo foi o terceiro filho do casal. Devido aos maus tratos que sofria foi levado ainda bebê por seus avós maternos: Florisbela Coelho de Lima, conhecida por Dona Belinha e Antônio Coelho de Lima, conhecido como seu Coelho (WANKE, 1983, p 16-17).

Dona Belinha foi quem o alfabetizou, pois mantinha em sua casa uma “Escola do ABC” que durou vinte anos. De seu avô Coelho recebeu muito amor e ele também foi incentivador do que no futuro seria sua carreira, seu trabalho, o velho Coelho ensinava ao menino Rodolfo versos bem apimentados que ele repetia para os vizinhos (WANKE, 1983, p.19-20).

Uma infância feliz com seus avós cercado de atenção e carinho foi interrompida aos oito anos de idade quando depois de uma visita à casa de seus pais ficou encantado com a convivência com os irmãos e decidiu ficar morando com seus

¹ Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/thomasfisherlibrary/33077114755>. Acesso em: 02 jun. 2021.

pais que apesar de trabalhar na fábrica de sabão Wanderley em Maceió as constantes bebedeiras, consumiam o salário tornando a vida da família um sofrimento permanente.

Rodolfo foi matriculado na escola, mas precisou trabalhar e ainda ajudar nos afazeres domésticos. O vício de seu pai foi motivo para que ele perdesse o trabalho na fábrica de sabão, voltando a morar em Rio Largo e a trabalhar na fábrica Progresso. Os estudos de Rodolfo continuaram assim como também a ajuda em casa, mas agora trabalhava na feira aos sábados e domingos em Rio Largo, carregando cestos de compras para os fregueses. Na escola fazia muitas traquinagens junto com seu irmão Aristófoles que lhe rendia “bolos” de palmatória do professor e surra da mãe dona Mariazinha (WANKE, 1983, p. 23).

A facilidade de Rodolfo na criação dos cordéis veio desde a infância quando participava das brincadeiras folclóricas como pastoris, guerreiros e reisados; em meio às grandes dificuldades que passou sua criatividade não cessou, era inquieto de tudo fazia ou inventava (WANKE, 1983, p.27). Ainda adolescente fugiu de casa começando suas andanças pelo Brasil, mais precisamente pelo Nordeste onde teve seu aprendizado nos palcos da vida tirando de suas aventuras inspiração para os folhetos.

Em Recife conseguiu sobreviver alguns meses fazendo pequenos serviços e propaganda na porta de lojas, com o pouco dinheiro que juntou voltou para casa, mas não ficou por muito tempo e fugiu com seu irmão Aristófoles. Sempre criativo e inquieto em 1934 foi para o Sul do país. De acordo com um dos seus biógrafos, Leopoldo Wanke foi muito dinâmico. Ele e seu irmão faziam de tudo para ganhar o sustento diário, no entanto nem sempre suas atividades eram honestas, Rodolfo e o irmão chegaram a vender pedras apanhadas num riacho dizendo que tinham poderes curativos.

Os dois irmãos chegaram a passar um tempo morando numa cadeia pública apadrinhados pelo delegado que tornara-se amigo dos dois até o dia em que resolveram vender comida aos presos, o delegado então os expulsou. Mas foi em Sergipe que sua vida começou a mudar, quando se juntaram a uma trupe Saltibancos tornando-se o palhaço Pirulito num circo de propriedade do senhor Chocolate percorrendo assim todo o Nordeste.

Deixou o circo quando estava em Sobral, no Ceará, passou um tempo vendendo remédios falsificados, foi até investigador de polícia e professor primário. Depois de suas andanças pelo Nordeste, Rodolfo inicia sua volta para casa em Alagoas (WANKE, 2000, p.14-15). Na viagem de volta para casa, Rodolfo adquiriu seus primeiros folhetos de cordel: “Em Parnaíba, comprou um lote de folhetos de João Martins de Athayde, iniciando assim sua carreira de vendedor de cordel” (WANKE, 2000, p.15).

Rodolfo, o cordelista, “nasce” em Fortaleza tendo como inspiração a tragédia da praia de Iracema.

Em Fortaleza, Rodolfo escreveu o primeiro cordel de sua vida, sobre a praia de Iracema, na qual se afogaram um poeta que conhecia uma meretriz e um militar que tentara salvá-los. Foi um sucesso, chegando a vender em poucos dias, três mil exemplares...” (WANKE, 2000, p. 16).

A venda do seu primeiro livreto lhe rendeu um bom dinheiro e ele pôde continuar sua volta para casa de trem até encontrar o dono do circo Strigni e voltar a trabalhar como palhaço Pirulito; e mesmo sabendo por telegrama do falecimento três meses atrás do seu pai fez sua apresentação no circo, para em seguida retornar para casa em abril de 1939.

Rodolfo passou um tempo trabalhando numa firma de tecidos, mas seu lado artístico era muito forte, ele então escreve e encena com seus irmãos uma peça de teatro circense, Os milagres de Santa Terezinha, e se apresentaram em Maceió, Rio Largo e Cachoeira. A peça foi um sucesso e lhe rendeu o suficiente para arcar com os gastos que tivera. Mais uma vez, e agora sem ser em fuga, Rodolfo e o irmão Aristóteles viajam pelo país fazendo de tudo um pouco. Era agosto de 1939, eles viviam de vendas e dos espetáculos que a nova trupe criavam (WANKE, 2000, p. 17).

O andarilho Rodolfo se apaixonou e casou em Conceição do Canindé, no Piauí, o nome da moça era Hilda, foi em 31 de dezembro de 1939. Já casado ainda foi para a Bahia, mas voltou para Conceição do Canindé para o nascimento de Israelita, sua primeira filha mulher. O primeiro menino nascera enquanto estavam em Salvador. Já com dois filhos, Rodolfo resolveu dar uma parada em suas viagens fixando residência em Teresina e inspirado mais uma vez numa tragédia escreve mais

um folheto: Os Clamores dos incêndios em Teresina, que segundo o autor foi um sucesso comercial e também o início da carreira de cordelista (WANKE, 2000, p.18).

Rodolfo resolve se dedicar à escrita e produção dos folhetos: “Escreveu cerca de 34 folhetos em Teresina, em cujo mercado público chegou a instalar uma banca de venda de folhetos e de miudezas...” (WANKE, 2000, p. 18). A trajetória de Rodolfo Coelho Cavalcante é cheia de altos e baixos, pode-se assim dizer, e quando os negócios desandaram em Teresina mais uma vez ele decidiu por sair em busca de algo melhor e foi para Salvador onde resolveu ficar definitivamente e tocar seu ofício de cordelista. Isso se deu em agosto de 1945.

Para ele, Salvador era solo fértil para plantar as sementes do seu trabalho pois já contava com alguns cordelistas divulgando seus trabalhos e por isso já tinha um bom público apreciador de “causos” em cordel. O cordel escrito sobre a volta de Getúlio Vargas à presidência do Brasil foi um sucesso de venda e falar sobre personalidades no meio político se tornou um dos assuntos prediletos e por muitos anos escreveu sobre governantes (WANKE, 2000, p.18-19).

Pode-se dizer que as andanças de Rodolfo pelo Brasil, principalmente pelo Nordeste, hora com o irmão, hora sozinho, fazendo propagandas, espetáculos, vendendo seus variados produtos e tantas outras peripécias que ele aprontou, foram lhe dando experiência e maturidade, sem esquecer de falar também na influência de seu avô Coelho na sua infância em Maceió.

Ele não era apenas um autor de folhetos de cordel nem um bom vendedor. Rodolfo teve um olhar, uma preocupação com a causa, com sua classe: “Além de folheteiro, Rodolfo teve ação decisiva, como defensor e líder de sua classe, ou seja, dos compositores e mercadores de cordel” (WANKE, 2000, p. 21).

É inegável a contribuição de Rodolfo Coelho Cavalcante para a literatura de cordel no Brasil, mesmo não sendo o primeiro nem o mais conhecido, deixou seu nome gravado na história do cordel brasileiro por sua incomparável luta em defesa da classe à qual fez parte com muita dedicação e amor tornando-se inspiração para gerações de cordelistas que o sucederam. Alguns de seus cordéis foram escritos num período crítico da política no Brasil, que foi a Ditadura Civil-Militar. Rodolfo se inspirou

nesse momento para falar sobre costumes e moralidade que despontaram principalmente durante o movimento Jovem Guarda.

A partir da leitura da biografia de Wanke, somos levados a crer que Rodolfo era um excelente comunicador. Falava com e para o público, podia ser através das propagandas que fazia nas portas das lojas ainda adolescente, através das vendas de variados produtos em feiras livres, apresentando-se em circo como palhaço, fazendo malabarismos, escrevendo e atuando em peças de teatro ou dando aulas, mas, foi escrevendo e vendendo seus folhetos de cordel que Rodolfo mais falou para as pessoas. Contou histórias, relatou tragédias, criticou a sociedade, elogiou políticos, falou sobre religião, sobre sua terra natal e tantos assuntos rimados que testemunharam a história em versos. A literatura de cordel no Brasil tem muito que agradecer a importante contribuição desse poeta.

A história não é feita de grandes homens, mas de homens e mulheres que contribuíram e contribuem com sua existência para os processos históricos. Penso que Rodolfo Coelho Cavalcante foi um desses homens. Corajoso, usou seu talento para escrever sua história que de tão dinâmica, divertida, sofrida e fascinante, não poderia passar despercebida ao nosso olhar.

É relevante falar que o período da Ditadura Civil-Militar pelo qual passava o país, foi também uma das fontes de inspiração para Rodolfo escrever seus folhetos, fica notável uma certa concordância com o regime político vigente, o que também justifica o apelo pela ordem e a moral nos folhetos escritos durante esse período político no Brasil. O que de maneira alguma diminui o seu talento literário e reforça a importância do estudo da sua obra. Analisar, investigar e compreender um escritor considerado conservador, moralista e anticomunista, não significa concordar com seus posicionamentos políticos.

2.1 A Ditadura Civil-Militar

No começo da década de 1960 o país atravessava uma profunda agitação política depois da renúncia do presidente Jânio Quadros (PTN) assumindo em 1961 seu vice João Goulart (PTB) (REIS, 2002, p. 18-22). Uma manobra política da ala conservadora instituiu o parlamentarismo através de uma emenda constitucional,

porém um plebiscito derrubou o parlamentarismo e o presidente João Goulart voltou a ter plenos poderes para governar o Brasil.

As reformas de base foram o motivo pelo qual o povo se mobilizou cobrando do presidente a reforma agrária, urbana, fiscal e bancária (NAPOLITANO, 2009, p. 6,7). O apoio dos comunistas a essas reformas, não foram vistos com bons olhos pelos conservadores que temiam a implantação do comunismo no Brasil (NAPOLITANO, 2009, p.7). Rodolfo era um deles. Com problemas de ordem política, social e econômica e também a pressão da sociedade conservadora, o governo de João Goulart não resistiu e foi derrubado.

A Ditadura Civil-Militar foi implantada no país através de um golpe em 1964 (REIS, 2002, p. 35). De 1964 a 1985 o Brasil viveu sob regime autoritário, período no qual a sociedade teve a sua liberdade cerceada e vigiada pelos órgãos de vigilância instituídos pelo governo militar. Estes, os militares, escolhiam o que a sociedade deveria ver e ouvir em se tratando das artes em geral. A Jovem Guarda, movimento musical surgido neste período soube usar bem a linguagem e se comunicar com a juventude. O movimento tinha como um dos seus representantes, Roberto Carlos.

2.2 Jovem Guarda

Mais que um movimento musical a Jovem Guarda² foi também um movimento cultural que surgiu no Brasil na década de 1960. Apesar de a música ser o carro chefe foi lançado também a moda, estilo e gírias.

Para os cantores da Jovem Guarda, o corpo era marca distintiva fundamental, sendo explorado em blusas abertas de tons berrantes e estampas chamativas, minissaias, calças boca de sino, cabeleiras, beatle, anéis, botas e pulseiras que brilhavam nas fotografias de revista ou telas de TV. Nos palcos do Jovem Guarda, gírias como “é uma brasa, mora”, já impregnadas na linguagem popular, combinavam-se aos meneus corporais de Roberto Carlos, tornou-se marcas registradas (GARSON, 2020, p. 114).

² A expressão jovem guarda se refere a um programa televisivo exibido pela Rede Record entre os anos de 1965 à 1968, apresentado por Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa. Porém a expressão excedeu os limites do programa e passou a se referir a um movimento musical protagonizado por jovens brasileiros na década de 1960 sob a influência do Rock and Roll de Bill Halley e seus Cometas, Elvis Presley, Beatles e de outros artistas... In: OLIVEIRA, Adriana Mattos. A Jovem guarda e a indústria cultural: análise da relação entre o Programa Jovem Guarda, a Indústria Cultural e a recepção de seu público, p. 06. ANPUH - **XXV Simpósio Nacional de História**. Fortaleza, 2009. Disponível em: https://anpuh.org.br/uploads/anais-simposios/pdf/2019-01/1548772007_3fa63fd2d5b7280c5f8e8b1662f41ab5.pdf. Acesso em 23 mai. 2021.

O público alvo era a juventude³ que absorvia as informações culturais passadas pelos seus representantes onde se destaca Roberto Carlos, Erasmo Carlos e Wanderléa, mas foi Roberto Carlos considerado o líder do momento Jovem Guarda fazendo grande sucesso. Ressalta-se o caráter não contestador da Jovem Guarda, em um período de nossa história que predominavam as proibições, a censura, perseguições e mortes.

A jovem guarda soube usar bem a linguagem de comunicação com a juventude que sem dúvida era o maior público consumidor da proposta cultural do movimento “...esse movimento representou, sem dúvida, um importante canal de expressão dos anseios juvenis, e ajudou a configurar o universo imaginário de boa parte da juventude brasileira” (ZICARI, 2010, p.01).

2.3 Roberto Carlos: o rei?

Amado por uns e odiado, pode-se assim dizer de Roberto Carlos esse ídolo da música brasileira. Suas canções fazem parte da trilha sonora da vida de muitas pessoas que necessariamente não precisam ser fãs para gostarem de ao menos uma de suas músicas. Embora tenha gravado músicas com temas religiosos, como: Jesus Cristo, Luz Divina, Aleluia, O Terço, Nossa Senhora e outros títulos, foi cantando o amor que ele conquistou muitos fãs ao longo de sua trajetória musical. Segundo Paulo César de Araújo, “[...] para melhor entender a obra musical de Roberto Carlos é necessário conhecer a trajetória de Roberto Carlos. Ele canta o que vive e o que sente”. Entende-se então o quanto apaixonado e religioso ele é (ARAÚJO, 2006, p. 13).

Roberto Carlos se destacou nacionalmente quando participou como um dos principais apresentadores do programa Jovem Guarda na Rede Record “O Jovem

³ O Movimento constituiu-se como mais um dos que sacudiam o universo musical do país naqueles explosivos anos 60 e 70 do século XX. Vista como promotora de valores responsáveis pela construção de marcas identitárias amplamente compartilhados pela juventude brasileira, a Jovem Guarda é um objeto privilegiado para análise dos impasses e possibilidades vivenciados pela juventude naqueles inquietos anos. Compreendida por uns como responsável por conectar a juventude com representações bastante transgressoras, e por outros, como um movimento que domesticou essa mesma juventude (BRITO, 2010).

Guarda foi ao ar no dia 22 de agosto de 1965, às 16h30min, no Teatro Record e superou as expectativas...” (MATTOS, 2009, p. 07).

No entanto, a postura do artista durante o período da Ditadura Civil-Militar como representante do movimento Jovem Guarda tendo um diálogo com a juventude através das músicas e do estilo propagado pelo movimento, foi interpretado por alguns como alienada.

Enquanto o movimento estudantil estava na rua protestando contra o regime, os artistas da Jovem Guarda cantavam o amor e a fossa, as desilusões amorosas etc. Para muitas pessoas, principalmente no meio universitário, o movimento é considerado alienado e despolitizado” (MATTOS, 2009, p. 02).

Apesar de não representar a opinião da maioria, Roberto Carlos também é visto como um defensor da moral e dos bons costumes, da família tradicional e apoiador da Ditadura.

Roberto Carlos vai ser o porta-voz da chamada “família brasileira”, aquela entidade identitária que vez ou outra é convocada pelas alas mais conservadoras da sociedade, seja para marchar contra o avanço comunista, seja para se manifestar contra casamento gay, aborto, ou a legalização da maconha. Roberto Carlos é o cantor de suas desilusões, seus amores, e suas fraturas. Seus planos de casamento, seus casos extraconjugais, sua tristeza. E isso nem o samba tradicional (pela associação com a marginalidade) nem a MPB esclarecida (por seus status bem pensante de tendências progressistas, crítico) podem ser. A “família brasileira” é a dimensão conservadora da sociedade, zelosa protetora da moral e dos bons costumes. RC é expressão de sua educação sentimental: jovens casadoiros, mocinhas recatadas, os conflitos da direita, que não são poucos - a despeito da esquerda. Para entendê-la é preciso entender RC. Assim como Nelson Rodrigues constrói um painel brilhante da sociedade brasileira e das suas mesquinhas cotidianas a partir de um olhar lançado, não necessariamente à esquerda, sobre os aspectos conservadores do país (OLIVEIRA, 2012, p. 164).

No próximo capítulo abordarei com mais detalhes alguns cordéis de caráter moral e conservador escritos por Rodolfo Coelho Cavalcante, particularmente nos anos 1960. Temas como Devassidão, Cabeludos e Fim do Mundo estarão em destaque.

CAPÍTULO III

CORDÉIS MORALISTAS DE RODOLFO COELHO CAVALCANTE

Nos folhetos que apresentarei a seguir, Rodolfo demonstra seus pensamentos a respeito dos costumes morais e da liberdade. Nos dois cordéis homônimos sob o título “A Devassidão de hoje em dia”, coloca o carnaval, o cinema e a dança como corruptores da humanidade, critica o vestuário das mulheres principalmente os decotes, fala também da proliferação da maconha.

3.1 – Dois folhetos sobre “Devassidão”

Imagem 2: Capa do cordel de Rodolfo Coelho Cavalcante, 1966.



CAVALCANTE, Rodolfo C. **A Devassidão de hoje em dia**, 1966.⁴

Três escolas neste mundo
Que corrompem a humanidade
Carnaval, Cinema, e Dança,
É uma calamidade.
E neste triste ataúde
Fere a honra e a virtude
Estraga com a virgindade...
(CAVALCANTE, 1966, p. 07)

⁴ Disponível em: <https://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/rodolfocoelhocavalcante.acervo.html>. Acesso em 28 ago. 2019.

Tem certa casada que o homem
 Seu corpo não pode olhar
 Com os seios quase de fora
 Parecem querer saltar
 Com um devasso saiote
 Por detrás vê-se um decote...
 Só falta o resto mostrar!...
 (CAVALCANTE, 1966, p. 04)

A maconha hoje é vendida
 Em toda parte do mundo
 Quem tem seu filho estudando
 Tem receio profundo
 Dele se degenerar
 E amanhã não se tornar
 Um sujeito vagabundo!
 (CAVALCANTE, 1966, p. 07)

Três anos antes, no folheto feito em parceria com Abdias Soares, Rodolfo já havia discorrido sobre a devassidão que, segundo ele, se abateu sobre o tempo presente que ele se encontrava. Ele faz através dos versos a sua leitura sobre comportamentos, valores morais, fé respeito a Deus entre outros assuntos. Mas apesar de citar os homens percebe-se que ele enfatiza a mulher. Ressalta-se, ainda, que esse folheto é o único que analisamos que, provavelmente, foi publicado antes do período ditatorial, visto que consta o ano de 1963 como possível data de publicação.

Imagem 3: Capa do cordel de Rodolfo Coelho Cavalcante e Abdias Soares, [1963?].



CAVALCANTE, Rodolfo C.; SOARES, Abdias. **A devassidão de hoje em dia**, [1963?].⁵

⁵Disponível em: <https://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/rodolfocoelhocavalcante.acervo.html>. Acesso em: 28 ago. 2019

Hoje da mesma maneira
 A mulher anda na rua
 Mostrando a coxa de fora
 Se vendo a medida sua
 Cadeira, cintura e peito
 Andando daquele jeito
 Nem se importa, quase nua...
 (CAVALCANTE; SOARES, [1963?], p. 2)

Ambos continuam falando da moça de 15 anos num verso mais à frente. Aborda a falta de respeito entre pai e filho e destaca o carnaval, o cinema e a dança - temas que seriam repetidos no folheto já mencionado - como perdição da humanidade. Rodolfo e Abdias fazem uma crítica ferrenha ao comportamento da mulher inclusive da mulher casada, desvelando, como já explicitado, seu lado conservador e moralista.

Mulher casada que dança
 O marido tenha cuidado
 São dois corpos que se juntam
 Com pensamento ligado
 E naquele esfrega esfrega
 A honra o diabo carrega
 Tá tudo desmantelado.
 (CAVALCANTE; SOARES, [1963?], p. 5)

Ainda fala contra o divórcio, da besta fera e das punições para quem não seguir as leis de Deus. Ele termina o folheto fazendo um acróstico.

R- iqueza mal conquistada
 O- seu fim é perdição
 D- eus condena o ambicioso,
 O- mentiroso, o ladrão
 L- á na Santa Eternidade
 F- ulgura a luz, a verdade,
 O- Amor e a Salvação.
 (CAVALCANTE; SOARES, [1963?], p. 8)

A- Deus entrego minh' alma
 B- endigo o meu Salvador.
 D- eus que ampare a humanidade
 I- nspire o seu trovador
 A- onde houver sofrimento
 S- irva os meus versos de amor
 (CAVALCANTE; SOARES, [1963?], p. 8)

3.2 - Horrores do Fim do Mundo

O folheto, “Os Horrores do fim do mundo”, de 1966, é um dos livretos de Rodolfo Coelho Cavalcante de cunho religioso no qual ele narra o fim do mundo com a vinda de Jesus Cristo. Discorre sobre guerras entre nações, desastres naturais e doenças.

Fome, peste e terremotos
Sofrerá a humanidade
Luta de reino entre reino
Porém isso, na verdade,
É o princípio das dores
Multiplicando-se os clamores
E também a iniquidade.”
(CAVALCANTE, 1966, quinto verso, p. 2)

Imagem 4: Capa do cordel de Rodolfo Coelho Cavalcante, 1966.



CAVALCANTE, Rodolfo C. **Os horrores do fim do mundo**, 1966.⁶

Fala dos falsos Cristos e profetas que poderão surgir dos castigos para os que desobedecerem aos ensinamentos cristãos. Rodolfo demonstra nos versos toda a sua visão moralista para com a sociedade e seus costumes e mostra também o quanto lhe incomoda. Ele tinha conhecimento sobre a Bíblia e usa como inspiração para externar suas convicções religiosas. Mostrando punições e castigos.

⁶ Disponível em: <https://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/rodolfocoelhocavalcante.acervo.html>. Acesso em: 28 ago. 2019.

Pelo amor do meu nome
 Vós sereis atormentados
 Muitos de vós morrerão,
 Outros serão odiados
 Surgirão os traidores
 Os infiéis condutores
 E sereis injuriados!
 (CAVALCANTE, 1966, p. 5)

Ele tem consciência de que o leitor poderá estranhar esse seu folheto e assim ele já fala no verso mais adiante.

Dirão por certo os leitores
 O trovador Cavalcante
 Agora, depois de velho
 Se tornou um protestante...
 Protesto, sim o engodo
 A lama, o pecado e o lodo
 Que no mundo tem bastante!
 (CAVALCANTE, 1966, p. 8)

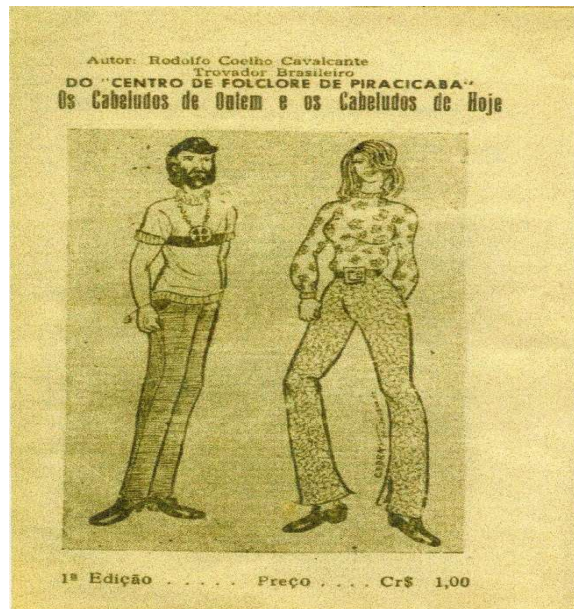
E conclui lembrando que já vem falando sobre os comportamentos sociais há tempo principalmente das mulheres.

Minha pena há muito tempo
 Tem bastante combatido
 Toda falta de vergonha
 Deste mundo corrompido
 Mulher solteira e casada
 Andarem toda pintada...
 Todo lascado o vestido!
 (CAVALCANTE, 1966, p. 8)

Para falar de um estilo de vida, ou modismo no uso de cabelos compridos, o cordelista vai buscar na Bíblia e na história várias personalidades que tinham os cabelos compridos.

3.3 – A implicância com os Cabeludos

Imagem 5: Capa do cordel de Rodolfo Coelho Cavalcante.



CAVALCANTE, Rodolfo C. **Os cabeludos de ontem e os cabeludos de hoje**, [s. d].⁷

Desde o tempo de Moisés,
De Isaac e de Abraão,
De Jeremias Profeta,
Até mesmo Salomão,
Aos leitores não iludo,
Existia cabeludo
Da mais alta posição!
(CAVALCANTE, [s. d], p. 01)

Temos em Sansão exemplo
Pela mulher foi traído,
Sócrates, Platão, Pitágoras,
Cristo o Redentor querido
Como todo Nazareno
De porte simples, sereno
Tinha o cabelo comprido!
(CAVALCANTE, [s. d], p. 01)

Tiradentes, Carlos Gomes,
Castro Vale Cordeiro,
O próprio Pedro II,
Era assim no mundo inteiro...
Homens notáveis, com zelos
De barbas longos cabelos,
Mas nenhum foi desordeiro!

⁷ Disponível em: <https://www.casarui Barbosa.gov.br/cordel/rodolfocoelhocavalcante.acervo.html>.
Acesso em: 28 ago. 2019

(CAVALCANTE, [s. d], p. 01)

Este cordel na verdade é uma crítica à moda lançada pelos Beatles que chegou ao Brasil e logo foi assimilada pela juventude, principalmente porque um dos seus maiores ídolos, Roberto Carlos um dos líderes do movimento Jovem Guarda também aderiu, influenciando com os demais artistas do movimento toda uma geração.

Começando pelos Beatles
Quase todos os cantores
Deixaram crescer cabelos,
Suas barbas e pendores,
Dando para a mocidade
Maus exemplos, na verdade,
De eróticos corruptores.
(CAVALCANTE, [s. d] p.02)

Nesses versos Rodolfo Coelho compara os cabeludos a marginais e responsabiliza os deputados dizendo que estes deveriam criar leis para acabar com o que ele chama de depravação. Percebe-se através de seus versos o seu repúdio contra as gírias, a liberdade sexual que despontava naquele momento entre a juventude, deixando assim transparecer claramente o seu conservadorismo.

Quase todos cabeludos
São concretos marginais,
Dando trabalho à polícia
E até os próprios jornais,
Artesanatos fictícios
Para semearem vícios
Que nunca viu- se, jamais!
(CAVALCANTE, [s. d], p. 03)

Muitas gazetas afirmam
Que os pais são culpados,
Não, senhores, essas culpas
Cabem para os Deputados,
Que devem criar as leis
Para extermínio de uma vez
Desses usus depravados!
(CAVALCANTE, [s. d], p. 03)

--" Que há CORÔA...---EI, BICHO!...
QUAL É ATRANSA?...” e assim
Vão criando neologismo
Além do feio, ruim,
Até os nossos Gramáticos
Homem de culta, práticas,
Ainda não deram o “SIM”.
(CAVALCANTE, [s. d], p.04)

Por causa de tais abusos
De erotismo, correções,
Sofreram golpes terríveis
De reais devastações,
Exemplo melhor:---SODOMA
CONSTANTINOPOLIS, ROMA,
GOMORRA e outras NAÇÕES!
(CAVALCANTE, [s. d], p. 05)

Segue o cordel comparando os cabeludos com as personalidades citadas no início do cordel. A sua defesa é pela moral e bons costumes da sociedade.

Os cabeludos de agora
Nada tem de antigamente,
Pois um homem de vergonha,
Um cidadão que é decente
E que tem noção, estudo,
Não se torna um cabeludo...
Fazendo vergonha a gente!
(CAVALCANTE, [s. d], p. 07)

3.4 – A Carta de Jesus Cristo

No cordel “A carta de Jesus Cristo a Roberto Carlos”, de 1971, Rodolfo Coelho faz a crítica à música “Jesus Cristo” um grande sucesso do cantor.

Imagem 5: Capa do cordel de Rodolfo Coelho Cavalcante, 1971.



CAVALCANTE, Rodolfo. **A carta de Jesus Cristo a Roberto Carlos**, 1971.⁸

Eu sonhei que Jesus Cristo
Disse ao Anjo Gabriel:
"Você vá ao Morumbi
Me levar este papel,
É uma carta que mando
A um moço que cantando
Não me está sendo fiel"
(CAVALCANTE, 1971, p.01)

Ele vai fazendo verso a verso a discordância e atribui a Jesus Cristo o descontentamento com a música. Cita os Beatles como um exemplo negativo e crítica diretamente o cabelo comprido de Roberto Carlos, também o aconselha a não usar em vão o nome de Jesus Cristo, na verdade o poeta moralista deixa para Jesus Cristo, metaforicamente, a responsabilidade pelas críticas a Roberto Carlos e sua criação.

Veja o exemplo dos Beatles
Que viviam no apogeu,
Mas, a triste vaidade
Sobre eles estendeu
O seu malfadado manto
Por isto verteram o pranto
Do mundo que os esqueceu".
(CAVALCANTE, 1971, p. 06)

É preciso que você
Mande o cabelo cortar
Para dar um bom exemplo
Com esta moda acabar,
Quando eu a terra descer
O cabeludo que eu Eu ver
O fogo tem que queimar".
(CAVALCANTE, 1971, p. 07)

O Nome de Jesus Cristo
Merece todo o respeito,
Nome Santo e Venerável
Porque é justo, é direito,
Porque ele é adorado,
É salvador amado,
Divino, Bom e perfeito.
(CAVALCANTE, 1971, p. 08)

⁸ Disponível em: <https://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/rodolfocoelhocavalcante.acervo.html>.
Acessado em 28/08/2019

Rodolfo continua demonstrando seu pensamento a respeito dos costumes morais e da liberdade, e nesse cordel coloca o carnaval, o cinema e a dança como corruptores da humanidade, crítica o vestuário das mulheres principalmente os decotes, fala também da proliferação da maconha.

Três escolas neste mundo
Que corrompem a humanidade
Carnaval, Cinema, e Dança,
É uma calamidade.
E neste triste dataúde
Fere a honra e a virtude
Estraga com a virgindade...
(CAVALCANTE, 1971, p. 07)

Tem certa casada que o homem
Seu corpo não pode olhar
Com os seios quase de fora
Parecem querer saltar
Com um devasso saiote
Por detrás vê-se um decote...
Só falta o resto mostrar!...
(CAVALCANTE, 1971, p. 04)

A maconha hoje é vendida
Em toda parte do mundo
Quem tem seu filho estudando
Tem receio profundo
Dele se degenerar
E amanhã não se tornar
Um sujeito vagabundo!
(CAVALCANTE, 1971, p. 07)

A partir dessa análise dos folhetos supracitados, como também em sua vasta bibliografia construída ao longo de décadas de dedicação ao seu trabalho, temos apenas uma dimensão recortada do que foi a produção literária do alagoano Rodolfo Coelho Cavalcante. Em diversos momentos de sua trajetória, particularmente nos anos 1940 e 1950 – período que não foi estudado para fins de construção do nosso texto – encontramos diversos livretos que não necessariamente apresentam um autor moralista e conservador. Entretanto, essa faceta será a que mais aparecerá nas pesquisas biográficas que envolvem o personagem. Vejamos o que escreveu um de seus biógrafos:

Rodolfo escreve o livro moralista porque a visão que encerra quase sempre está de acordo com a sua própria formação religiosa e moral. Como já vimos é altamente religioso no sentido estrito. Desde a

mocidade aceita uma moral essencialmente honesta e boa. O interessante é que Rodolfo mistura a moral tradicional católica com a protestante e a espírita, tanto na vida como nos versos. Ele atribuiu tal visão a todo o conjunto de experiência vivida, à prática formal de várias religiões, à leitura e a natureza pessoal dele. Abrange, assim, a sua obra o pensamento católico, formal e popular, o protestante e o espírita (CURRAN, 1987, p. 154).

Se Rodolfo Coelho Cavalcante era um moralista e por isso criticava os costumes e comportamentos avançados daquela época, não está em julgamento e também não interfere em seu talento como poeta e escritor, apenas demonstra sua autenticidade e coerência na hora de expressar seus pensamentos através dos versos.

CONCLUSÃO

Seu Rodolfo eu lhe agradeço
Pela oportunidade
De estudar o seu trabalho
Dentro da Universidade!

Hoje, aqui eu confesso
Mesmo com alguns atalhos
Juntei História com verso!

A construção da nossa história passa por diversos momentos distintos, porém interligados por afinidades, fazendo com que possamos através da História costurar esses momentos com fatos e/ou acontecimentos vividos ou não por nós, mas registrado pelos protagonistas nesse processo histórico, cada um a seu tempo.

Ao ser apresentada à obra do poeta Rodolfo Coelho Cavalcante, percebi como ele estava atento às suas relações sociais e com tudo que acontecia ao seu redor. A partir desse olhar é que o trabalho foi pensado e realizado, destacando a aproximação da literatura de cordel e a História. Se faz necessário, até para melhor compreensão do momento atual, esse olhar no passado para entendermos a real importância das nossas conquistas. No entanto, nem sempre esse olhar para trás é saudosismo do que passou, mas inquietação com a realidade presente e preocupação com o futuro, pois se conhecermos nossa história, saberemos, ainda que de forma limitada, sobre erros e acertos dos agentes sociais.

Nesta perspectiva, este trabalho pontuou a respeito de Roberto Carlos, um dos artistas que despontou no movimento Jovem Guarda que surge nos anos 60 em plena Ditadura Civil Militar. Roberto Carlos junto com outros artistas como Erasmo Carlos e Wanderleia influenciaram uma geração de jovens com suas maneiras de vestir e falar registrado por Rodolfo em alguns de seus folhetos analisados nesse estudo, a fim de melhor compreender a maneira conservadora com que ele observava os acontecimentos.

Rodolfo falou do seu lugar social, homem simples e de pouca leitura, mas com o conhecimento da vida. Assim pode-se entender os cordéis como fonte para pesquisa histórica.

Logo, para que possamos dar continuidade a trabalhos nesta área é de fundamental importância o investimento em instituições sérias, na educação e seus profissionais. Cobrar do poder público mais recursos financeiros e atenção com os órgãos responsáveis que cuidam da memória e história da nação como museus, arquivos públicos e bibliotecas. Que se invista em pesquisas e em pesquisadores. É preciso tratar, cuidar e preservar os acervos.

Todos somos um pouco contadores de histórias e fazedores da História, mas cabe ao historiador construir passo a passo a História da humanidade observando-a através das suas relações sociais “Da reunião dos documentos à redação do livro, à prática histórica é inteiramente relativa à estrutura da sociedade” (CERTEAU, 1982, p. 77).

A literatura de cordel pode ter nascido na Europa, mas para nós, no Brasil ela nasceu quando os poetas começaram a escrever sobre nossos costumes, sobre a nossa terra, nossos personagens, nossa história. A história do cordel no Brasil tem seu começo com Leandro Gomes de Barros, tem também a importância de João Martins de Athayde, mas tem ainda a generosa contribuição do alagoano Rodolfo Coelho Cavalcante que foi incansável na luta por melhores condições de trabalho e apoio aos poetas e trovadores do povo, como ele também se identificava.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E FONTES

ALMEIDA, Anderson da S. A Copa de 1970 nos folhetos de cordel: poesia, futebol e política em tempos de ditadura. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 13, n. 30, e0208, mai/ago 2020.

ARAÚJO, Paulo Cesar de. **Roberto Carlos em Detalhes. São Paulo. Planta, 2006.** Disponível em: skoob.com.br/livro/pdf/roberto-carlos-em-detalhes/livro4752/edição.584. Acesso em: 26 mai. 2021.

ATAIDE, João Martins de. Proezas de João Grilo. 1965- Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/joamartins/joamartinsdeataide-acervo>. Acesso em: 30/05/2021.

BRITO, Eleonora Zicari Costa de. Memórias da Jovem Guarda, 2010. **X Encontro Nacional de História Oral - Testemunhos: História e Política.** Recife, 26 a 30 de abril de 2010. Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Disponível em: encontro2010.historiaoral.org.br/resources/anais2/1270215549_ARQUIVO_memoria_sdaajgcomunicacao.pdf. acesso em 30 de mai. de 2021.

_____.UNB. A Jovem Guarda em Narrativas, p. 150-151, 2013. Universidade Estadual de Goiás VI Congresso Latino Americano de compreensão leitora- 4, 5 e 6 de setembro de 2013. Disponível em: [c:\User\SAMSUNG\downloads\2588.texto%20do\020artigo_9223-1-10-20140911%20\(4\).pdf](http://c:\User\SAMSUNG\downloads\2588.texto%20do\020artigo_9223-1-10-20140911%20(4).pdf). Acesso em 30 mai. 2021.

CAMPINA, Manoel A. Discussão dum fiscal com a fateira [em ligne]. 8 p. Disponível em: http://cordeledel.univ_poitiers.fr/itens/show/1965> acesso em 29/05/2021.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. SOARES, Abdias. **A Devassidão de Hoje em dia** [folheto, 1963]. Disponível em: www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/rodolfocoelho_acervo.html. Acesso em 28 ago. 2019.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **Os Cabeludos de ontem e os cabeludos de hoje.** Disponível em: www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/rodolfocoelho_acervo.html. Acesso em 28 ago. 2019.

_____. **A carta de Jesus Cristo a Roberto Carlos** [folhetos 1971]. Disponível em: https://www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/Rodolfocoelho/rodolfocoelho_acervo.html. Acesso em 28 ago. 2019.

_____. **A Devassidão de Hoje em dia** [folheto 1966]. Disponível em: www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/Rodolfocoelho/rodolfocoelho_acervo.html. Acesso em 28 ago. 2019.

_____. **Introdução Eno Teodoro Wanke-** Biblioteca de Cordel. São Paulo- Hedra, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da História**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense, 1982.

CURRAN, J Mark. **A presença de Rodolfo Coelho Cavalcante na Moderna Literatura de Cordel**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1987.

CAVALCANTE, Rodolfo Coelho. **Os Horrores do Fim do Mundo** [folheto 1966]. Disponível em: www.casaruibarbosa.gov.br/cordel/rodolfocoelhoacervo.html. Acesso em 28 ago. 2019.

GARSON, Marcelo. **Roberto Carlos como mediador cultural: música Jovem TV e rádio**, p. 114. Tempo social, revista de sociologia da USP.V 32, N.2- May-aug-2020 Disponível em: scielo.br/jHs/a/z4h588rgNdFwtFHypKhDMSB/abstract/?lang=pt. Acesso em 30 mai. 2021.

GOMES, Gustavo Manoel da Silva; SILVA, Gian Carlo de Melo; PARMEGIANI, Raquel de F; SANTOS, Cínthia R. S.(orgs). **Memórias, Histórias e Cordel em Alagoas: Teorias, práticas e experiências**. Maceió: EDUFAL, 2014.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. **A Arte do Povo, Histórias na literatura de cordel, (1900- 1940)**, Jundiaí, Paco Editorial, 2015.

LUCIANO, Aderaldo. **Apontamentos para uma história crítica do cordel brasileiro**. Rio de Janeiro, Adaga/ São Paulo: Luzeiro, 2012.

NAPOLITANO, Marcos. **O regime militar brasileiro (1964-1985)**, coordenação Maria Helena Capelato, Maria Ligia Prado- São Paulo: Atual, 2009. (Discutindo a História do Brasil).

OLIVEIRA, Acauam. **Roberto Carlos e a identidade brasileira na canção**, 2012, 164. Revista ieb nº 542012 set/mar, p. 151,166. Disponível em: scielo.br/y/rieb/a/v3jrsB/sjnSg9DDyj5Cb6B/?long=pt. Acesso em 28 mai. 2021.

OLIVEIRA, Adriana Mattos de. **A Jovem Guarda e a Indústria Cultural**: análise da relação entre o Programa Cultural e a recepção do seu público. ANPUH-XXV Simpósio Nacional de História- Fortaleza, 2009, p.06. Disponível em: historia.uff.br/stricto/td/1509.pdf. Acesso em 30 mai. 2021.

REIS, Daniel Aarão. **Ditadura Militar, esquerdas sociedade**, 2º edição- Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

TERRA, Ruth B. Lêmos. **Memórias de lutas: literatura de folhetos no Nordeste (1893- 1930)**, São Paulo: Global, 1983.

WANKE, Eno Teodoro. **Vida e luta do trovador Rodolfo Coelho Cavalcante (biografia)**, Rio d Janeiro: Folha Carioca, 1983.